

RESENHA

*Alderí Souza de Matos**

SOUZA, José Roberto de. **Presbiterianos x pentecostais: a reação da Igreja Presbiteriana do Brasil ao advento do pentecostalismo em Pernambuco (1920-1930)**. São Paulo: Fonte Editorial, 2016. 164p.

José Roberto de Souza é professor e coordenador do Departamento de História da Igreja no Seminário Presbiteriano do Norte (SPN), em Recife. Bacharelou-se em teologia no SPN e na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e é especialista em História da Religião e da Arte pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). É mestre em Teologia e História (SPN), mestre em Ciências da Religião (UNICAP) e doutorando em Ciências da Religião (UNICAP). Integra o grupo de pesquisa Religiões, Identidades e Diálogos, da mesma universidade. O livro *Presbiterianos x Pentecostais* é fruto de sua dissertação de mestrado, defendida em 2013.

O autor começa por lembrar a esmagadora superioridade numérica e a grande influência do pentecostalismo no cenário protestante brasileiro (p. 21). Observa que os pesquisadores têm se debruçado prioritariamente sobre o pentecostalismo da segunda metade do século 20, e mais especialmente sobre o neopentecostalismo, mas ainda existem relativamente poucos estudos sobre as primeiras décadas do movimento no Brasil. Adota como fundamentação teórica conceitos de autores como Pierre Bourdieu e Antonio Gouvêa Mendonça (p. 25). As principais fontes primárias consultadas foram atas do Presbitério de Pernambuco, de algumas de suas igrejas locais e matérias publicadas em periódicos denominacionais, principalmente o *Norte Evangélico*.

O objetivo da pesquisa é analisar como uma denominação histórica, no caso a Igreja Presbiteriana do Brasil, reagiu ao advento do pentecostalismo numa das regiões em que atuava, o Estado de Pernambuco. O 1º capítulo,

* Professor de Teologia Histórica e coordenador do S.T.M. no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper. Historiador da Igreja Presbiteriana do Brasil.

“Mapeamento histórico do(s) protestantismo(s) em *terras Brasilis*” (p. 29), volta-se para o estudo do protestantismo de missão e a contribuição do pioneiro Ashbel Green Simonton. Aborda tópicos como o presbiterianismo norte-americano, a chegada do protestantismo ao Brasil, o trabalho pioneiro de Simonton e o seu legado. Conclui com uma breve descrição das fases históricas do presbiterianismo no país (p. 53): implantação, consolidação, dissensão, reconstituição, cooperação, organização, polarização e período atual.

O 2º capítulo, intitulado “Um retrospecto do(s) pentecostalismo(s) e o seu resultado em solo brasileiro”, começa com um levantamento dos precursores do movimento pentecostal, ou seja, fenômenos de natureza carismática ou entusiástica que surgiram ao longo da história da igreja (p. 67-83). Aborda grupos como montanistas, cátaros, anabatistas, camisardos, quacres e shakers. Também considera movimentos que, embora não fossem entusiásticos em si, continham elementos que iriam ser importantes para essa cosmovisão. É o caso dos pietistas, com sua ênfase na experiência pessoal, colocada acima da doutrina ou do ritualismo (p. 75); do primeiro Grande Despertamento norte-americano, com seu célebre personagem central, Jonathan Edwards, e do Segundo Despertamento, com seu controvertido líder Charles Finney. Essa seção termina com três outros precursores: o pastor presbiteriano escocês Edward Irving, o fundador do metodismo João Wesley e o movimento de Santidade (Holiness).

A seção seguinte desse capítulo trata do surgimento do pentecostalismo moderno nos Estados Unidos, com seus principais personagens iniciais e suas tensões (p. 83). Destaca as contribuições de três fundadores: Charles F. Parham, dirigente da escola bíblica em Topeka, no Kansas, onde ocorreram as primeiras manifestações pentecostais; William J. Seymour, o líder do Avivamento da Rua Azusa, em Los Angeles, e William Durham, o pastor de Chicago que foi o principal responsável pela difusão internacional do movimento.

As últimas seções do 2º capítulo analisam a chegada do pentecostalismo ao Brasil, a partir de 1910, embora tenha existido anteriormente uma curiosa manifestação de entusiasmo religioso no país. Na década de 1870, o engenheiro e presbítero Dr. Miguel Vieira Ferreira causou uma divisão na Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro e criou a chamada Igreja Evangélica Brasileira, que subsiste até os dias atuais (p. 89). O autor utiliza a conhecida análise de Paul Freston, que propõe três fases distintas na implantação do pentecostalismo no Brasil. A primeira fase teve início com a fundação da Congregação Cristã no Brasil no Sul do país (1910), pelo italiano Luigi Francescon, e a fundação das Assembleias de Deus no Norte/Nordeste (1911), pelos suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg. Tendo surgido inicialmente em Belém do Pará, as Assembleias de Deus brasileiras logo chegaram ao Nordeste e em particular a Pernambuco.

O terceiro e último capítulo do livro analisa a reação dos presbiterianos aos pentecostais, começando por uma exposição das diferenças doutrinárias entre os dois grupos. Os primeiros têm sua confessionalidade apoiada nas Escrituras

e nos símbolos de fé de Westminster, ao passo que os pentecostais priorizam a experiência com o Espírito Santo (p. 105). O autor sustenta essa afirmação com base no diário do pioneiro Vingren e em documentos oficiais das Assembleias de Deus.

Após narrar a implantação do presbiterianismo em Pernambuco, na década de 1870, pelo missionário John Rockwell Smith, o autor observa que o trabalho da Assembleia de Deus teve início nesse estado em 1916, por meio de Adriano Nobre, um ex-presbiteriano procedente de Belém (p. 119). Todavia, a atuação desse obreiro foi breve e quem realmente expandiu e consolidou o trabalho foi o missionário Joel Carlson, a partir de 1918, considerado por muitos o verdadeiro fundador dessa igreja em Pernambuco (p. 123).

A partir de 1922, o novo grupo religioso passou a inquietar a liderança presbiteriana do estado. Numa reunião do Presbitério de Pernambuco, os Revs. Jerônimo Gueiros e Antônio Vitalino de Melo manifestaram a sua preocupação com o crescimento de diferentes “heresias”, principalmente o sabatismo e o “pentecostismo”, solicitando aos colegas que escrevessem matérias sobre o assunto, a serem publicadas no *Norte Evangélico*, periódico oficial daquele concílio (p. 129). Merece destaque uma série de artigos de Jerônimo Gueiros intitulada “A Seita Pentecostal”, publicada no referido jornal entre 31 de dezembro de 1923 e 30 de junho de 1924. Os cinco artigos abordaram os seguintes temas: uma heresia dos últimos tempos, o Pentecostes e a profecia de Joel, o Pentecostes e o dom de línguas, o batismo com o Espírito Santo na visão reformada, e os milagres, seu desígnio e sua oportunidade. Em 1924, o Rev. Gueiros publicou esses artigos em forma de livreto, com o título *A Heresia Pentecostal* (p. 137).

O autor conclui o livro mencionando o ressurgimento recente dessa preocupação na IPB, motivada pelas inquietações de muitos concílios acerca de questões litúrgicas e da chamada contemporaneidade dos dons do Espírito. Em 1995, o Supremo Concílio formou uma Comissão Permanente de Doutrina, que elaborou uma Carta Pastoral tratando da doutrina do Espírito Santo e dos dons de línguas e profecia, acompanhada de várias recomendações (p. 141).

Na conclusão, José Roberto de Souza declara que a intenção primária da pesquisa foi resgatar os fatos históricos e apresentá-los de maneira objetiva, sem maiores juízos de valor, algo que poderá ser feito por outros estudos sobre o tema. Lembra que uma reação como essa, conforme as análises de Bourdieu e outros, é parte dos mecanismos de autopreservação de uma organização que perde adeptos para outros grupos e se vê compelida a defender a sua própria identidade e convicções. Esse livro é uma contribuição valiosa para a melhor compreensão de um momento histórico importante na trajetória tanto das denominações tradicionais como do pentecostalismo nascente em território brasileiro.